



DE OLHO NA CENA
do 15º vídeo - Peça ajuda!

**CAMPANHA
DEFENDA-SE**

O 15º vídeo, “Peça ajuda!”

aborda a cultura que permeia as relações sociais estabelecidas com crianças, observando a submissão a que elas são condicionadas e seu impacto na redução das possibilidades de autodefesa de meninos e meninas. Em uma sociedade em que ser adulto, mais velho e mais forte são parâmetros de respeito, dificulta-se o desenvolvimento de ambientes seguros e livre de todas as formas da violência.

O vídeo está fundamentado em dados, estudos acadêmicos e normativas. O **objetivo deste e-book é contribuir na reflexão sobre as práticas culturais aceitas como educativas direcionadas às infâncias e a importância de crianças e adolescentes reconhecerem e reivindicarem seus direitos.**

Este material também busca sensibilizar educadores dos diversos espaços de atendimento sobre as consequências de uma educação violenta, demonstrar a relação entre os modelos de educação e violência sexual, e contribuir com práticas educativas em que meninos e meninas confiem em seus sentimentos e se sintam seguros para falar sobre eles.



Qual a mensagem do 15º vídeo?

A produção parte do olhar para as infâncias na sociedade adultocêntrica e a forma como isso se demonstra fator de vulnerabilidade para a ocorrência da violência sexual, expressa na submissão das crianças em relação aos adultos.

A mensagem do 15º vídeo contempla **aspectos educacionais que demonstram a importância da criação de ambientes seguros para a livre expressão**, e como isso pode ser um facilitador para o reconhecimento de uma situação de violência e o desenvolvimento de estratégias de autodefesa. Acompanhe quais são as mensagens e onde elas estão ao longo do vídeo!



1. Direito a crescer em um ambiente livre de violência

A Educação em Direitos Humanos, ajuda crianças e adolescentes a reivindicarem os seus direitos, e é preciso que as resoluções de conflitos envolvam estratégias que não recorram à violência verbal ou física. Isso envolve encorajar as crianças a expressar seus sentimentos, propor soluções para situações conflituosas e assegurar que sua opinião é relevante e deve ser sempre considerada.

A violência é um comportamento que se aprende. Por isso, podemos mudar a forma como ensinamos as crianças, incentivar os adultos a refletirem sobre suas práticas e (re)aprenderem outra forma de educar, pois são um modelo de comportamento.

Para isso, é preciso oportunizar ferramentas para a prática do autocontrole, reconhecendo e acolhendo os sentimentos das crianças como naturais, sem fazer juízo de valor (sentimentos bons x sentimentos ruins). Também é importante que os adultos estabeleçam limites consistentes, com calma e clareza, demonstrando que a criança pode e deve fazer o mesmo.

Além disso, ao ofertar possibilidades de escolhas e incentivar que tomem decisões, o adulto possibilita que a criança se perceba ativa nesse processo e exercite sua capacidade de reflexão.

DE OLHO NA CENA



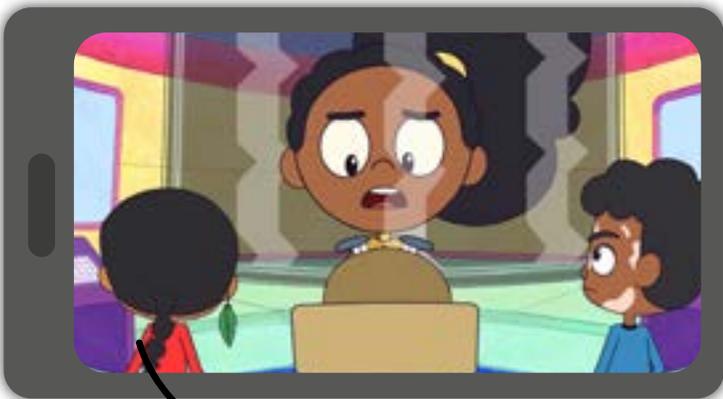
A violência pode se apresentar de forma sedutora ou através de comandos e, na maioria dos casos, o agressor se utiliza de sua posição de poder em relação à criança.



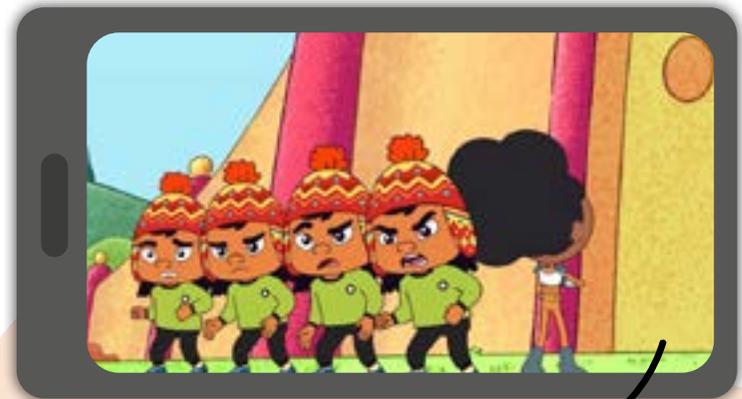
Bia fazendo escolhas e propondo soluções com a Imperatriz do Saber.



Nessa cena, Bia é encorajada a pensar na melhor solução para seu problema, é acolhida depois do erro e incentivada a tentar novamente.



Além de ser encorajada a fazer escolhas, Bia também tem apoio para pensar em soluções possíveis para pedir ajuda, pensando de acordo com seu repertório.



Santiago tem muitos sentimentos ao mesmo tempo e busca seu repertório para acolhê-los e lidar com eles. Ele também precisará recorrer a alternativas para não reproduzir a violência.

2. A importância da autodefesa e estabelecer relações respeitadas com as crianças

O reconhecimento das crianças enquanto sujeito de direitos é relativamente recente no contexto legal e normativo. Elas ainda são ensinadas a não expressarem seu descontentamento ou desconforto. Tampouco é permitido impor limites ao que não gostam, mesmo quando alguém se comunica de forma agressiva ou com violência física, o que socialmente não é aceitável entre adultos.

Ensinamos também que expressar seu desconforto pode ser motivo de castigo ou represálias, que devem ser aceitas sem questionamentos e que existem sentimentos “bonitos” que devem ser acolhidos, ou “feios” que devem ser reprimidos e não expressados.

Todo esse cenário gera uma expectativa de que a criança será um sujeito de direitos apenas com a chegada da vida adulta.

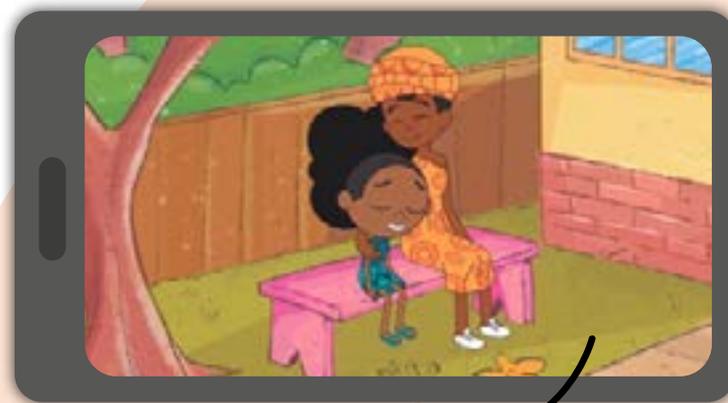
DE OLHO NA CENA



Bia tem um sentimento de desconforto, o acolhe e busca um espaço onde possa manifestá-lo até que se sinta novamente segura.



Santiago demonstra que tem conhecimento de seus direitos e impõe limites com clareza, pedindo que o adulto converse de forma amigável com ele e Bia, deixando claro seu descontentamento com a forma como está sendo tratado.



Bia busca ajuda com a pessoa de sua confiança, com quem se sente confortável e é acolhida. Essa cena demonstra também a necessidade de adultos manterem o espaço de diálogo aberto e respeitoso.

Como educamos?

Uma sociedade que ainda educa crianças para a **obediência incondicional aos mais velhos, desconsidera sua condição de sujeito de direitos e em desenvolvimento, colocando-as em posição de submissão aos adultos**. A reprodução desse modelo de educação pode ser vivenciada em ambiente familiar e institucional, contribuindo para:



tornar as crianças mais passivas diante das situações;



dificultar o desenvolvimento da sua autonomia;



prejudicar seu desenvolvimento de inteligência e regulação emocional à medida que não valoriza seus sentimentos diante das situações cotidianas.

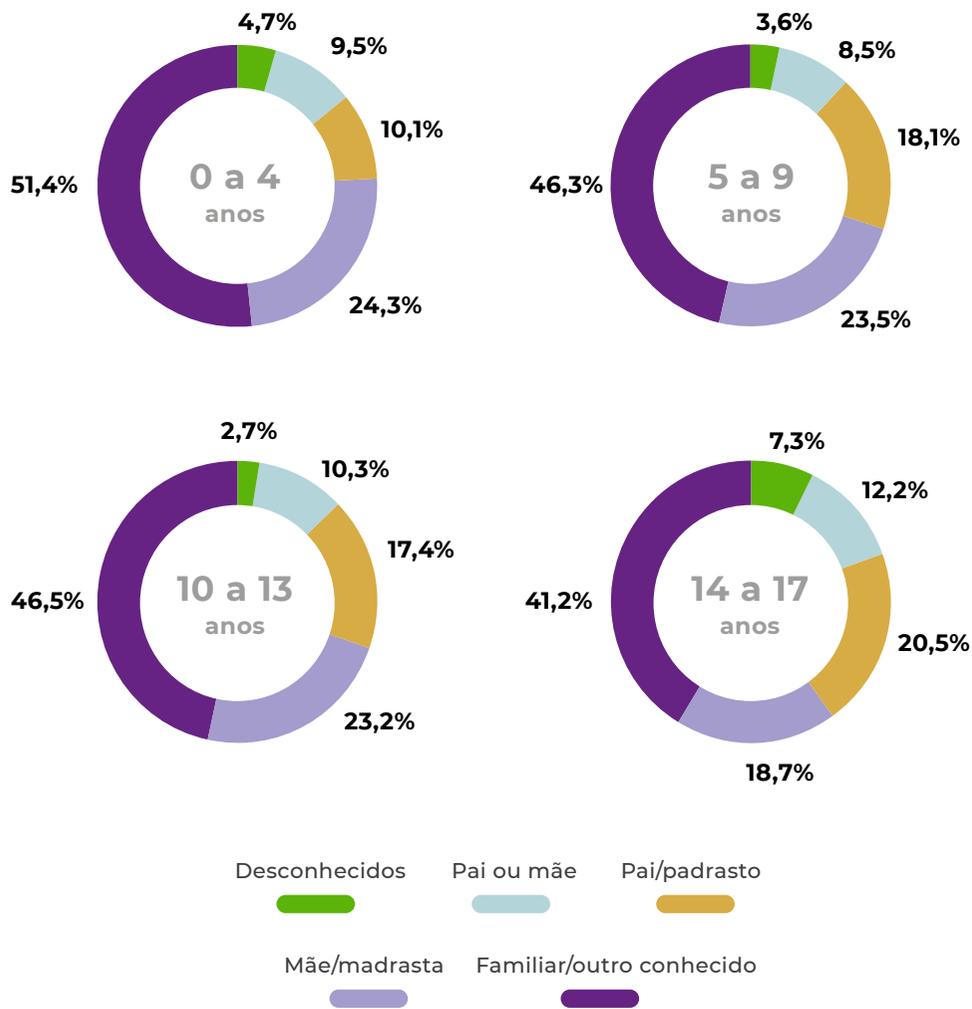
Essas abordagens educativas estabelecem uma **assimetria de poder, expressa na superioridade do adulto em detrimento da criança ou adolescente, seja pela força, tamanho ou posição de autoridade**. Nessa perspectiva, crianças e adolescentes entendem que somente a partir do momento em que se tornarem adultos terão o direito de questionar, falar, identificar seus sentimentos, ser escutados e impor limites sobre qualquer toque em seu corpo ou sobre qualquer tratamento em que se sintam ofendidos.

No cotidiano, **quantas vezes as crianças manifestam desconforto e são ignoradas?** Como exemplo, a obrigação de abraçar ou beijar pessoas contra sua vontade, seja para cumprimentá-las ou se despedir.

Não apresentar alternativas ou ferramentas para que crianças e adolescentes reconheçam seus direitos os condiciona a uma forma de se comportar em todas as suas relações, dificultando que se posicionem sobre uma eventual agressão.

GRÁFICO 1

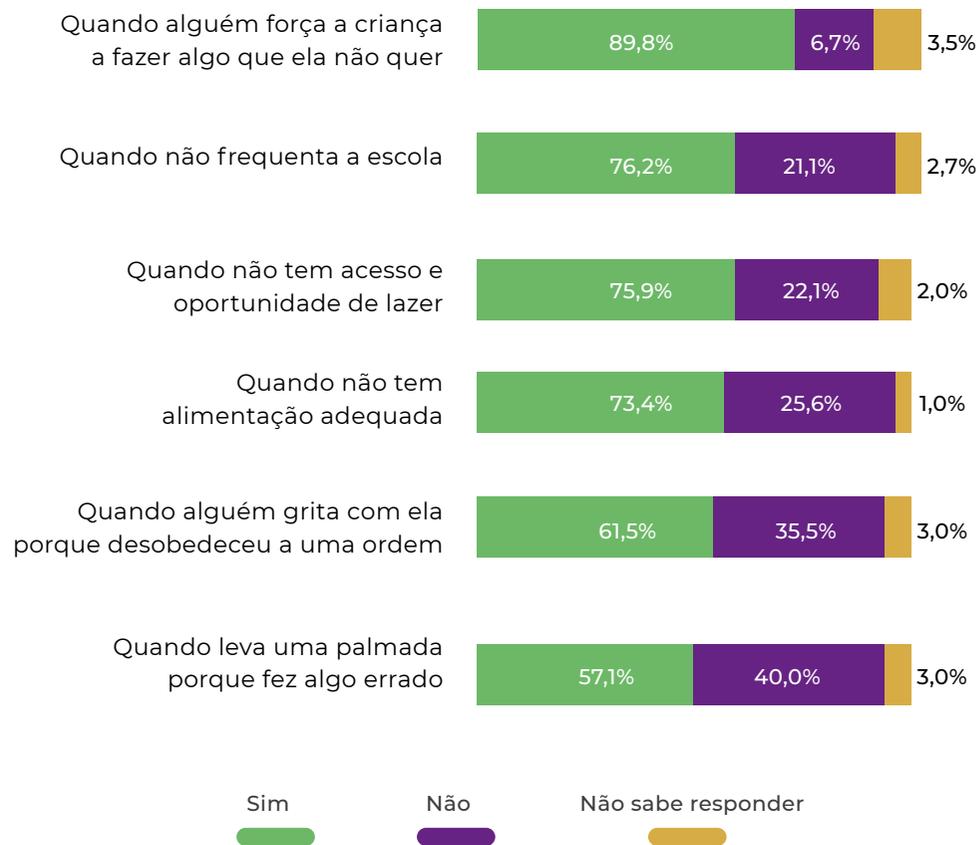
Relação entre autor e vítima de crimes de maus-tratos contra crianças e adolescentes por faixa etária da vítima, em 2022.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023, p. 197

GRÁFICO 2

O que são situações de violência da visão dos familiares



Fonte: ChildFund Brasil. PESQUISA NACIONAL da situação de violência contra as crianças no ambiente doméstico 2023, p. 107

De acordo com o Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, Painel Disque 100, 37,26% das denúncias registradas em 2023 foram de violações contra crianças e adolescentes

Gráfico 3

Relação de comunicação de denúncias de violências SINAN, SIPIA e Painel Disque 100

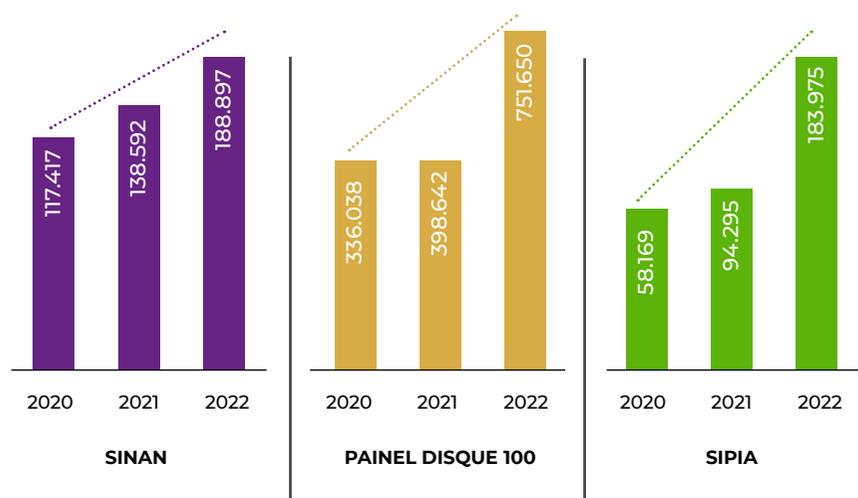
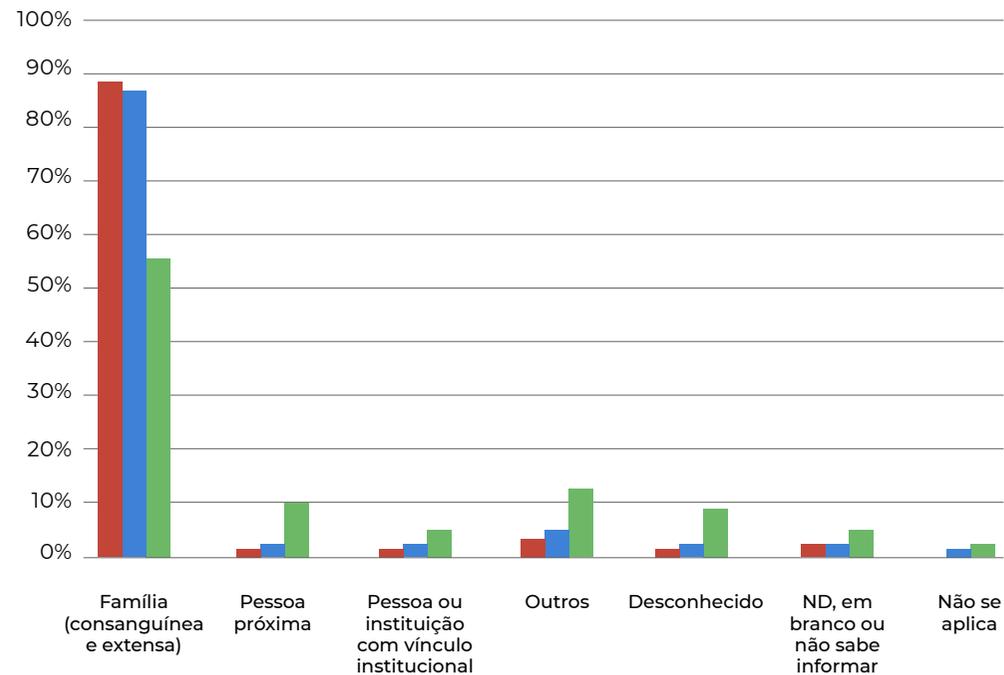


Gráfico 4

Principais agressores – Segundo Painel Disque 100



Fonte: Cadê Paraná. Violência contra crianças e adolescentes em dados 2024, p. 14

Gráfico 5

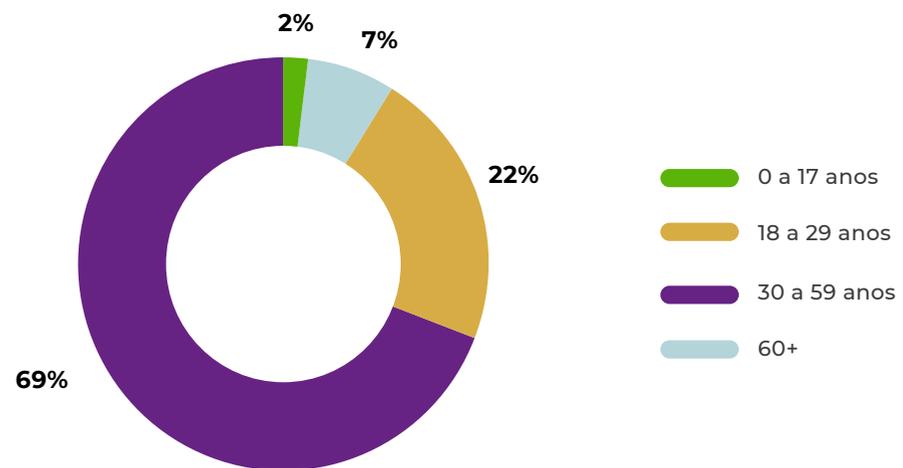
As pessoas com quem as crianças se sentem mais protegidas são as mesmas que figuram como principais agressores.



Fonte: ChildFund Brasil. PESQUISA NACIONAL da situação de violência contra as crianças no ambiente doméstico 2023, p. 160

Gráfico 6

Faixa etária das pessoas que cometeram violência contra crianças e adolescentes, em 2023, segundo dados do Painel Disque 100.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.



A violência sexual contra crianças e adolescentes

Na maior parte dos casos, o elo de confiança entre a vítima e o agressor é premissa para que a violência sexual aconteça.

Certas práticas educativas socialmente aceitas colocam crianças e adolescentes em **posição de vulnerabilidade que dificulta ações para sua autodefesa**, uma vez que elas têm dificuldade de estabelecer limites para o agressor reconhecido como alguém próximo.

Ao não reconhecerem o ambiente como seguro, podem ficar relutantes em demonstrar qualquer sentimento, e não se reconhecerem como vítimas de violência, dificultando sua autodefesa diante de uma situação que lhes cause desconforto.

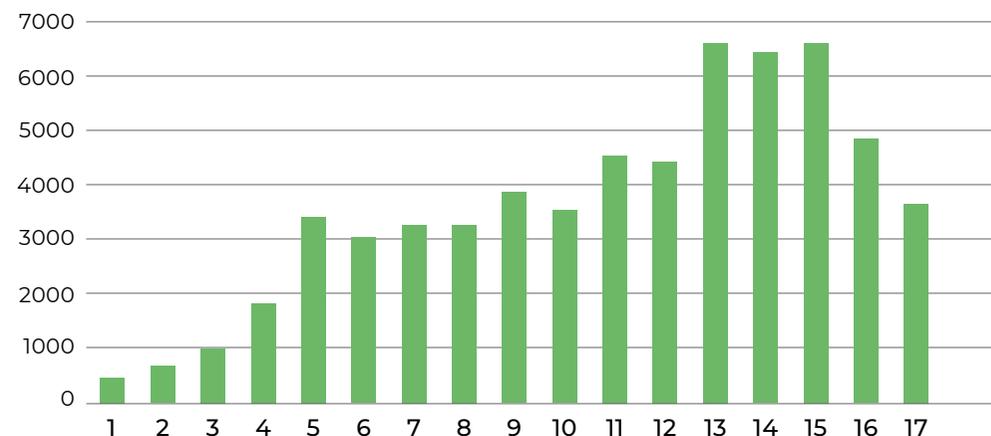
Portanto, é importante ensinar meninos e meninas a respeitar seus sentimentos. Também, assegurar que os **ambientes sejam de escuta ativa para que eles possam se manifestar livremente, sabendo de seu direito de estabelecer limites em qualquer situação que lhes cause desconforto**. Isso contribuirá no reconhecimento de situações de violência, inclusive sexual, ainda que ela seja praticada por pessoas do seu convívio ou que tenham uma posição de autoridade sobre eles.

De acordo com o Painel Disque 100 (2023), 84% das violências contra criança ocorreram no ambiente familiar. Em relação a violência sexual, 62% ocorreram no ambiente familiar da criança, 29% na casa do suspeito, 6% em ambiente virtual e 3% em locais públicos.



Gráfico 7

Idade de vítimas de violência sexual contra crianças e adolescentes, segundo o painel Disque 100. Brasil, 2023



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Dados do Painel Disque 100
(2023) revelam que

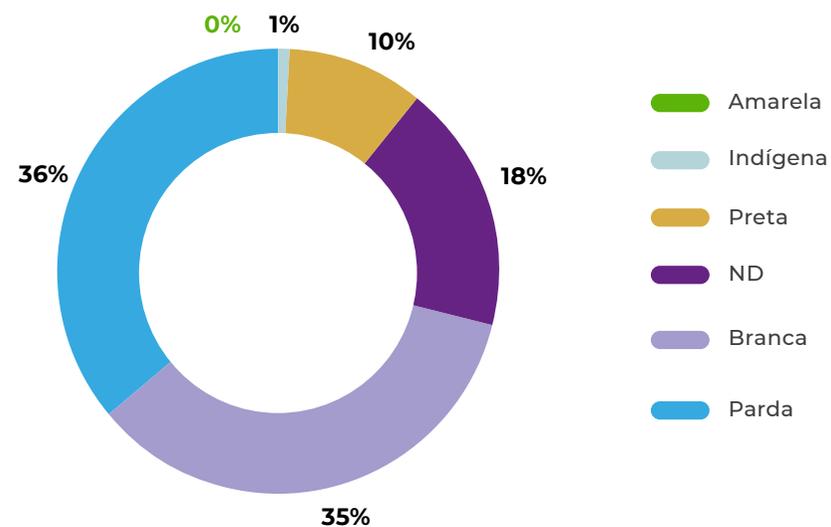
79%

das denúncias de violência
sexual são contra meninas



Gráfico 8

Proporção de vítimas de violência sexual contra crianças e adolescentes, por cor ou raça, no painel Disque 100 – Brasil, 2023:



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Como podemos ter práticas mais positivas de educação?

A educação baseada no diálogo e no respeito implica refletir sobre nossos posicionamentos e valores, reconhecendo que qualquer pessoa tem direito de ser respeitada e exigir respeito, independente da idade, e que a violência que não é aceita contra um adulto, também não é aceitável contra uma criança.

Uma das alternativas é o exercício de uma educação positiva, que possibilite crianças e adolescentes se sentirem seguros para expressar seus sentimentos e estabelecer os seus limites.

Para isso, é essencial criar um ambiente seguro e respeitoso observando algumas das estratégias possíveis:

- **Ensinar às crianças que todas as pessoas têm direito ao respeito e a dignidade:** é importante que as crianças aprendam a respeitar a si mesmas, aos outros e ao ambiente ao seu redor. Adultos podem ensinar o respeito ao ser exemplo desse comportamento, e enfatizar pelo diálogo cotidiano a importância de tratar os outros com gentileza. Também é crucial discutir a diversidade e a inclusão para que as crianças entendam e valorizem as diferenças.
- **Incentivo à comunicação aberta e honesta:** Mostrar que é seguro e que não precisam de permissão para expressar seus sentimentos, pensamentos e preocupações ajuda a prevenir a violência e promove relacionamentos saudáveis.
- **Educação baseada no reconhecimento de potencialidades,** esforço e progressos, valorizando e refletindo sobre os erros como parte do processo de aprendizagem, oferece às crianças a oportunidade de realizar escolhas e refletir sobre elas.
- **Promover a empatia,** ajudando-as a entender como suas ações afetam os outros, reconhecendo seus sentimentos e perspectivas.
- **Pratique o que você prega em relação ao respeito,** empatia e comunicação não violenta.
- **É importante que as crianças aprendam a lidar com suas emoções** e impulsos de maneira saudável. Para isso, precisam de uma educação emocional que desenvolva a capacidade de tomar decisões conscientes e adiamento de gratificações. Isso é possível quando oferecemos ferramentas para a prática de autocontrole e de reconhecimento e acolhimento dos sentimentos.



Materiais da Campanha Defenda-se



Referências

ALTAFIM, E.R.P., Souza, M., Teixeira, L., Brum, D., Velho, C. **O Cuidado Integral e a Parentalidade Positiva na Primeira Infância**. Brasília, DF: Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/bibliotec>

DRUCKERMAN, Pâmela. **Crianças francesas não fazem manha: os segredos parisienses para educar os filhos**; tradução de Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013

FALEIROS, Vicente de Paula (Org.). (2007). **Violência na família e na escola**. Editora Fiocruz. <https://www.scielo.br/j/prc/a/MjbRzmXsZ98fWvSLHBGLkrs/> Acesso em 18 de setembro de 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. **Prevenção de violência contra crianças**. São Paulo: 2023. Disponível em: https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2023/03/NCPI_WP10_Prevencao-de-violencia-contra-criancas.pdf.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde**. Rev. bras. saúde matern. infant., Recife, 1(2):91-102, maio-ago., 2001 9. Acesso em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/mQqmmSTBf77s6Jcx8Wntkkgg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 de setembro de 2023.

Pesquisa Nacional da Situação de Violência contra as Crianças no Ambiente Doméstico / coordenação Águeda Pacheco de Melo Barreto , Cristiano Silva de Mour. -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG: Fundo Para Crianças, 2023.

PINHEIRO, P. S. (2003). **Violência intrafamiliar: o que se passa na cabeça da criança**. Editora Ática.

PROMUNDO. **Cuidar sem violência, todo mundo pode**. Rio de Janeiro, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto; Tomás, Catarina. **A infância é um direito?**, Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Número Temático - Direitos das crianças: abordagens críticas a partir das ciências sociais, p. 15-30.

ORGANIZAÇÃO

Rafael Rodrigo Teixeira

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Bárbara Pimpão Ferreira

Cecilia Landarin Heleno

Karoline Dutra Szul

Rafael Rodrigo Teixeira

REVISÃO

Milena Cristina Alves

TRADUÇÃO

B3c Traduções E Soluções Em Idiomas

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Daniele Paiva

centrodedefesa.org.br

defenda-se.com



**CENTRO DE
DEFESA DA INFÂNCIA**
GRUPO MARISTA

**CAMPANHA
DEFENDA-SE**